Artigo original Recebido em: 05/03/2021 Parecer emitido em: 28/04/2021

TERRAGNO, T.M.; AMATO, C.; GINCIENE, G.; Esportes de rede/parede: uma experiência na educação física escolar. **Coleção Pesquisa em Educação Física, Várzea Paulista**, v.20, n.02, p.51-58, 2021. ISSN; 1981-4313.

ESPORTES DE REDE/PAREDE: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Tatiana Martins Terragno
Camila Amato
Guy Ginciene
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

Este texto é fruto de uma experiência realizada com o tema do Esporte de Rede/Parede em "Esportes de rede/parede com raquete", uma disciplina eletiva do curso de Graduação em Educação Física que ocorreu no segundo semestre de 2019, em uma Universidade Federal no Município de Porto Alegre. Os estudantes prepararam uma unidade de ensino para alunos da rede Municipal de Educação da cidade de Porto Alegre. Os registros e as reflexões dessa experiência apontam que a ação participativa e cooperativa nas atividades propostas enalteceu o tratamento didático do conteúdo esportivo, promovendo experiências sociais construídas a partir da inclusão e participação efetiva dos alunos nas aulas de Educação Física.
Palavras-chaves: Educação Física. Esporte de Rede/Parede. Prática Pedagógica.

NETWOORK/WALL SPORTS AN EXPERIENCE IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

The result of this text is na experience performed with the theme "Net/Wall Sport", in the Net/Wall Sports with racket" class, an elective course from the Undergraduate course of Physical Education, which happened in these condterm of 2019, in a Federal University, in the city of Porto Alegre. To close the semester, the university students prepared a practical teaching plan for students of the municipal educational system of Porto Alegre. The records and the considerations from this experience show that the participative and cooperative action and the responsibility sense in the development of the proposed activities valued the didactic sport content, promoting social experiences built from the inclusion and effective participation of the students in the Physical Education classes.
Keywords: Physical Education. Net/Wall Sports. Teaching practice.

INTRODUÇÃO

Os esportes de rede/parede são aqueles cuja lógica interna é a de enviar uma bola/peteca (ou outro implemento) para o espaço de jogo adversário com o intuito de dificultar sua devolução (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017). Fazem parte desse conjunto modalidades como o tênis, o tênis de mesa, o badminton, o *beachtennis,* o squash, o padel, o voleibol etc.

O tema é atual, pois está na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017; GINCIENE; IMPOLCETTO, 2019), mas não necessariamente novo. Diversos autores têm trabalhado com essa nomenclatura em classificações do esporte similares (GONZÁLEZ, 2006;). Basicamente, este tipo de classificação pela lógica interna permite que se proponham organizações curriculares que oportunizem a diversidade das práticas curriculares durante o processo de formação e que se repense o processo de ensino-aprendizagem que prioriza o gesto técnico descontextualizado de sua função/utilização no jogo, como é o caso dos esportes de rede/parede.

Apesar dessas considerações, o termo vem ganhando destaque nas escolas por estar presente na BNCC e por impor um grande desafio aos professores e professoras: ensinar um conjunto de modalidades "desconhecidas", pouco presente nas escolas (RANGEL BETTI, 1999) e nos currículos de Educação Física das Instituições de Ensino Superior (GESAT *et al.*, 2020).

Diante desses desafios, o objetivo deste artigo é relatar as primeiras experiências com o ensino dos esportes de rede/parede, que serão narradas por três professores: uma professora aluna do curso de mestrado que trabalha como Professora de Educação Física nos anos iniciais em uma escola da rede Municipal de Porto Alegre, uma aluna do Curso de mestrado que realizou Estágio de Docência nesta disciplina e um docente da disciplina de Esportes de rede/parede com raquete.

Abordaremos aqui o esporte de rede/parede a partir da produção de uma cultura escolar do esporte com especificidades próprias de uma comunidade que enfrenta processos de exclusão social, além de reduzidas possibilidades de espaço público e de lazer; legitimando a aprendizagem do esporte frente às diferenças sociais e econômicas e oportunizando vivências que induzam aos valores de solidariedade, colaboração e experimentação compartilhada. E a partir disso tendo o entendimento que "como toda prática social, o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele" (BRASIL, 2017). Portanto, partimos do tema central dessa experiência sobre a escola e ensino do esporte considerando as singularidades, o contexto em que estão inseridos, a cultura e as experiências prévias dos sujeitos (TERRAGNO, 2020). Nesse sentido, é importante refletir sobre o papel que o ensino do esporte desempenha na escola estando ligado diretamente a uma cultura, imbuído de pluralidades de significados e finalidades educativas. Essa experiência nos auxiliou a pensar na compreensão de uma intervenção do ensino do esporte a partir da realidade vivenciada em cada escola, dos objetivos do ensino, das especificidades de cada criança e da decisão coletiva.

Compreendemos a Educação Física como componente curricular que está voltado ao conhecimento dos elementos estruturantes da cultura corporal do movimento como os esportes, jogos e brincadeiras, lutas, ginásticas, danças e outras práticas (BRACHT, 1996). A partir disso, sabemos que é nas aulas de Educação Física que os estudantes vivenciam as práticas corporais, ampliando e aprimorando os conhecimentos da cultura corporal do movimento, desenvolvendo destrezas com a possibilidade de criação de jogos e regras e evidenciando a pluralidade de sentidos e significados que os diferentes grupos sociais dão a elas. Portanto, partimos de uma concepção pedagógica crítica, a partir da reflexão do conceito do esporte nas aulas de Educação Física de maneira que os alunos tenham possibilidades de aprender o esporte e mudá-lo de acordo com os seus interesses, necessidades e modo de vida (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2013). E a partir disso, oportunizar descobertas a aprendizagens através de experiências do corpo e dos sentidos. Por isso, salientamos que o ensino do esporte dentro da escola tem responsabilidade no processo educativo como também de estimular os valores que defendam o compromisso da solidariedade e respeito humano, possibilitando a reflexão crítica sobre o seu papel na sociedade. Por essas questões, acreditamos ser necessário que o ensino do esporte esteja vinculado a uma proposta pedagógica específica e não a modelos específicos de ensino sem um objetivo claro do que se quer ensinar.

Pretendemos a partir dessa experiência trazer a reflexão sobre as estratégias de ensino utilizadas e suas consequências, pois temos o entendimento que a organização de práticas de ensino em qualquer nível do sistema educativo, com o propósito de construir saberes sobre o modo de aprender e ensinar provoca transformações e reconstrução no campo de estudo.

O PERCURSO DA EXPERIÊNCIA

Este relato se inicia em "Esportes de rede/parede com raquete", uma disciplina eletiva que ocorreu no segundo semestre de 2019 pela segunda vez na Universidade e que teve como objetivos a apresentação de experiências e a discussão de possibilidades de ensino dos esportes de rede/parede. Nesse sentido, logo no início da disciplina os alunos e alunas da graduação organizaram uma raquete alternativa, feita de papelão, no formato de um palmar, a qual chamamos de "Raquete de Mão", conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 - Exemplo de "Raquete de mão".



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Essa atividade teve o intuito de mostrar aos alunos e alunas possibilidades para superar a falta de materiais nas escolas e ainda apresentar uma possibilidade para iniciar crianças nesse conjunto de modalidades, visto que esta pode ser uma ferramenta mais fácil para os iniciantes do que a utilização de raquetes oficiais.

Uma das atividades propostas aos alunos e alunas da graduação era a elaboração de seminários em que eles, em grupos, dariam aulas para os(as) colegas sobre assuntos técnico-táticos necessários para se jogar os esportes de raquete. A prática de ministrar aulas para os próprios colegas é comum nos cursos de Educação Física, já que há uma dificuldade logística, de tempo e de oportunidades, de se experimentar a prática pedagógica em seu cenário ideal, que seria a escola. Em uma conversa entre a orientanda que realizava o estágio docente com o orientador do mestrado e professor da disciplina, surgiu a ideia de se convidar crianças para participarem da aula, para que os alunos da graduação pudessem vivenciar realmente essa experiência e para que as crianças que, talvez nunca tivessem essa oportunidade, pudessem aprender na prática a jogar os esportes de rede/parede. A partir disso, os alunos e alunas da graduação foram consultados quanto ao seu interesse nessa atividade, pois para que ela fosse viável seriam necessários a participação e o comprometimento de todos. Em um primeiro momento, alguns alunos e alunas ficaram receosos, mas com o apoio dos colegas a turma decidiu encarar o desafio. Após algumas sugestões de quem convidar para participar, foi lembrado que uma das orientandas de mestrado ministrava aula em uma Escola Municipal de Porto Alegre.

A partir disso, foi feito um convite para que ela trouxesse seus alunos e alunas para a Universidade, no horário da aula. O convite foi aceito e, a partir disso, se iniciou a elaboração de como funcionaria essa aula. As crianças que participaram da unidade de ensino com os esportes de rede/parede eram alunos do 2º Ciclo (4ª ano do Ensino Fundamental), de uma Escola da rede pública Municipal, localizada na zona leste na cidade de Porto Alegre. A turma foi escolhida por encontrarem-se na fase em que já são capazes de identificar e manifestarem interesse na prática de um ou mais esportes. Compreendemos que esse aspecto favorece a auto-organização dos alunos e alunas, facilita a formação de diversos grupos com diferentes afinidades e estimula a fazerem suas próprias escolhas.

A ideia era propor a aprendizagem e prática dos esportes de rede/parede com raquete para os alunos e alunas da escola Municipal como experiência de ensino, e ao final da unidade de ensino convidá-los para uma aula prática na Universidade, que seria organizada junto aos alunos da graduação que participaram da

disciplina. Na escola municipal onde trabalha a professora, somente as bolinhas de tênis e quatro raquetes já faziam parte dos materiais da escola. Então, por sugestão do professor da disciplina de Esportes de rede/parede foi proposto construir com os estudantes as raquetes, utilizando papelão, cola e elástico.

A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA: O CONTEXTO E OS POSSÍVEIS SABERES

A experiência na escola aqui abordada traz a reflexão do esporte a partir da produção de uma cultura escolar com especificidades próprias de uma comunidade que enfrenta processos de exclusão. É notória a pluralidade cultural do mundo em que vivemos, sendo assim, a escola se configura como um dos importantes espaços sociais em que essa pluralidade converge e se transforma (PALMA, 2019). Portanto, um espaço produtor de cultura.

O ensino do esporte no cotidiano da escola não é solitário, mas ele está inserido em um mundo de relações e interações com a comunidade escolar por isso, alguns autores consideram sempre haver um componente educacional (seja positivo ou negativo) nas práticas esportivas, pois o relacionamento interpessoal e a construção de experiências estão sempre presentes.

O Morro da Cruz, região da escola que participou da experiência, está localizado na zona leste de Porto Alegre e integra um dos muitos morros dessa cidade. Na região existe uma forte rede de tráfico de drogas envolvendo criminalidade. A escola atende crianças de condição sócio econômica baixa em que suas famílias dispõem de precárias condições de moradia e muitas vezes não conseguem manter as necessidades básicas de sobrevivência, como a alimentação por exemplo. O esporte popular da região é o futebol; meninos e meninas o conhecem e praticam essa modalidade tanto na escola como na rua, sendo representado como umas das principais atividades de lazer das crianças. Os alunos e alunas têm nessa escola um dos poucos espaços de convivência social, recursos e possibilidades esses não disponíveis em sua estrutura familiar.

O objetivo da unidade de ensino da aula de Educação Física para os alunos e alunas do quarto ano do Ensino Fundamental I foi desenvolver saberes relacionados ao esporte de rede/parede nas aulas de Educação Física dentro de uma perspectiva crítica, levando em consideração as características da realidade local (social, econômica, política, cultural). O desenvolvimento das aulas teve como premissa "a busca da autonomia do sujeito quanto à sua própria prática esportiva" (GHIDETTI, 2020, p.04), justificando-se pela cultura corporal do movimento ser objeto de estudo e de ensino da Educação Física escolar.

O tema da unidade de ensino foi apresentado e contextualizado pela professora de Educação Física a partir de três perguntas que pudessem instigar a curiosidade sobre as principais características dos Esportes de Rede/Parede, identificando o conhecimento prévio da turma e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, priorizando o trabalho coletivo e o protagonismo. Foram elaboradas as seguintes perguntas: "O que vocês conhecem sobre os Esportes de Rede/Parede? O que são Esportes de Rede/Parede? Alguém identifica algum Esporte de Rede/Parede que seja jogado com algo que já tenha vivenciado na escola ou fora dela?" A partir das perguntas, identificamos na turma que poucos alunos e alunas conseguiram responder as questões, relacionando o esporte de rede/parede ao jogo de tênis e deixando clara a inexistência de vivências com o esporte apresentado.

O tema foi apresentado de forma mais detalhada e foi proposto à turma a confecção do material necessário para as vivências práticas (raquetes de papelão), transformando a aula num campo de ação e vivência social. As crianças ficaram com a incumbência de procurarem em suas casas, dentro da escola ou na comunidade, caixas de papelão para recortes de suas raquetes que seriam construídas durante as aulas de Educação Física. Essa tarefa possibilitou uma maior comunicação entre os estudantes, família e comunidade escolar sobre o tema da aula e a atividade que seria realizada.

Agendada previamente com os estudantes, a aula para a construção das raquetes foi significativa, no sentido que esclareceu quais eram os estudantes que se sentiam estimulados para as práticas esportivas na escola, pois quem compareceu para aula com os materiais solicitados foram os mesmos que sempre estavam dispostos a realizar qualquer atividade durante as aulas. Percebemos algumas dificuldades relacionadas ao conhecimento e reconhecimento sobre "ser" destro ou canhoto, pois para confecção da raquete essa era uma importante informação. O traçado da mão no papelão também proporcionou conversarmos sobre a de dominância lateral, conteúdo que ainda não tinha sido abordado com alunos e alunas dessa faixa etária. A curiosidade sobre qual lado do corpo seria utilizado para as atividades do esporte de rede/parede fez parte de toda aula planejada para a construção do material.

A construção das raquetes no coletivo teve ação participativa e cooperativa dos estudantes, na medida em que trocavam ideias, ornamentavam-nas de forma diferente para uma melhor identificação e compartilhavam os materiais necessários (papelão, cola, tesoura e elástico), pois nem todos tinham condições de adquiri-los. Inicialmente, alguns estudantes não demonstraram interesse pela atividade, negando ajuda e optando em assistir os colegas na confecção de suas raquetes. Foram um total de cinco aulas para finalizarmos a construção.

A segunda proposta da unidade de ensino na escola foi a vivência do jogo, momento que se tornou um dos mais esperados pela turma. Os alunos e alunas, com suas raquetes identificadas por símbolos escolhidos por eles (elemento de muita relevância, pois legitimava o envolvimento com a atividade proposta), receberam bolinhas de tênis para experimentarem e criarem movimentos individuais e em duplas sobre a representação que o esporte de rede/parede tinha naquela comunidade escolar. Surpreendentemente foram criando e demonstrando outras possibilidades de praticar o esporte, chamando a atenção de quem passava pelo pátio da escola onde aconteciam as aulas. Professores, funcionários e estudantes de outras turmas passaram a observar os jogos, que aconteciam em duplas em uma pequena quadra dividida por uma corda que ficava no chão do pátio. Os alunos e alunas que inicialmente tinham optado em somente observar as aulas começaram a trazer para escola caixas de papelão e materiais necessários para também construírem suas raquetes, demonstrando interesse e envolvimento com o tema da unidade de ensino. Foi oportunizado então, aos estudantes que tiveram maior facilidade com a construção do material, a auxiliarem os colegas.

Após todos os alunos da turma terem confeccionado suas raquetes, foi organizado o passeio à Universidade Federal, onde a turma da escola foi convidada a participar de uma aula com os alunos e alunas da graduação na disciplina de esportes de rede/parede. Era a primeira vez que os estudantes iriam ter contato com a Universidade e com a estrutura de um espaço físico (ginásio) para práticas esportivas. Os alunos e alunas da graduação, junto com o professor responsável, organizaram uma aula dedicada aos estudantes da escola; na Universidade foram distribuídas para cada um as raquetes construídas, e eles foram convidados a participarem da prática, instruídos pelos alunos e alunas da graduação. Para que a turma juntamente com a professora se deslocassem à Universidade foi preciso contratar um transporte que os levassem até lá, se tratando de uma escola pública percebemos que o envolvimento para o custeio do "passeio" para participação da aula proposta também ocasionou uma necessidade de envolvimento das famílias e a comunidade escolar como um todo. Para que a turma pudesse aproveitar mais o tempo dentro da Universidade para além da aula foi agendado para conhecerem todos os setores, laboratórios de pesquisa, piscinas, salas especiais para práticas de ginástica e dança. Os alunos e alunas também puderam usufruir do espaço verde que existe na Universidade, brincaram, correram e exploraram as quadras ao ar livre.

A EXPERIÊNICA PRÁTICA NA UNIVERSIDADE: A AULA E A CONSTRUÇÃO DE SABERES

Na Universidade, a prática foi ministrada dentro do ginásio de esportes, que contava com duas quadras poliesportivas. Cada uma dessas quadras foi dividida em três espaços, formando seis miniquadras de esportes de raquete. Para simbolizar a rede, foi passado um elástico de uma ponta até a outra da quadra. A partir dessa divisão das quadras, a turma dos graduandos que ficou responsável por dar aula para as crianças foi dividida em seis grupos, e cada um deles ficou responsável por ministrar a aula em uma das miniquadras, com supervisão do professor da disciplina e da orientanda. As crianças ficaram um tempo em cada estação, para poderem experimentar os diferentes jogos de esportes de raquete, que foram planejados e pensados pelos alunos e alunas da graduação para elas.

Nesse momento a turma da escola pública estava atenta a todas as explicações, era uma experiência nova tanto para eles quanto para os alunos e alunas da graduação. Percebemos que mutas curiosidades sobre o esporte de rede/parede com raquete vieram à tona, fazendo com que a aula ganhasse também o sentido da reflexão sobre a prática que ali iria acontecer. O planejamento e a organização prévia que envolveram essa aula foram fundamentais para que o tempo e espaço fossem utilizados da melhor forma.

Sendo assim, cada grupo de graduandos ficou responsável por uma estação de jogo de esporte de rede/parede. Cada atividade tinha como objetivo ensinar um problema tático dos esportes de raquete assim, cada estação contava com o seguinte objetivo de ensino: (1) marcar o ponto, (2) defender um ataque, (3) construir espaços para atacar, (4) defender espaços, (5) atacar em dupla e (6) defender em dupla, conforme o quadro 1:

Quadro 1 - Objetivos dos jogos de cada estação.

OBJETIVO	JOGO QUE TINHA COMO OBJETIVO COLOCAR OS ALUNOS E ALUNAS EM SITUAÇÕES PROBLEMAS, NA QUAL A SOLUÇÃO ERA:
Marcar o ponto	identificar e rebater a bola no espaço vazio de forma que o(a) adversário(a) não conseguisse chegar
Defender um ataque	Identificar onde a bola estava sendo rebatida pelo(a) adversário; ir até a bola; chegar no espaço e tempo adequados para rebater
Construir espaços para atacar	Rebater de forma intencional com o inteiro de mover o adversário e abrir espaço para marcar o ponto
Defender espaços	Rebater de forma a ganhar tempo para recuperar e defender o espaço na quadra que foi aberto pelo(a) adversário(a)
Atacar em dupla	Identificar a melhor estratégia, sobretudo no posicionamento (lado a lado; frente e trás) para atacar em dupla
Defender em dupla	Identificar a melhor estratégias, sobretudo de posicionamento, para defender os espaços na quadra

Fonte: elaborado pelos autores.

Uma preocupação da experiência foi oportunizar, para além do conhecimento da lógica interna dos esportes de rede/parede, a vivência das diferentes formas de se experimentar esse conjunto de modalidades. Assim, as estações também foram pensadas de forma a oportunizar: (1) jogos com rede baixa e com possibilidade de quique da bola; (2) jogos com rede alto e sem possibilidade de quique da bola; (3) jogos com parede.

Mais do que ensinar a tática e o jogo dos esportes de rede/parede para as crianças, havia um caráter pedagógico e social presente naquela aula que permitia uma troca e uma experiência única para todos os participantes de aprender por meio do esporte. Os alunos e alunas da graduação aprendiam, na prática pedagógica (FRANCO, 2016), como lidar com os imprevistos dessa atividade e com a individualidade de cada criança, já que elas aprendiam sobre modalidades esportivas que não eram presentes no cotidiano escolar.

DISCUSSÃO

No retorno para a escola foi oportunizado a cada aluno e aluna levar para casa a sua raquete que estava sob o cuidado da professora de Educação Física, conforme tinham combinado em aula. Foi então que percebemos a dimensão que o esporte de rede/parede tinha tomado na vida daquelas crianças. As bolinhas de tênis e raquetes de papelão coloridas começaram a disputar espaços no pátio da escola, antes dominado somente por bolas de futebol. Os alunos e alunas precisaram negociar o espaço do jogo com outros colegas que jogavam futebol, pois a escola só possui uma quadra para práticas esportivas. Organizaram-se em grupos e foi possível perceber que quem não jogava futebol começou a interagir com outros colegas e a criarem recursos e possibilidades para que o jogo de rede/parede com raquete fosse possível estar presente também no horário de intervalo das aulas.

As raquetes se transformaram em acessórios levados por eles para escola e lá combinavam com a professora o uso das bolinhas de tênis que eram emprestadas para a hora do intervalo, para além das aulas de Educação Física. O esporte de rede/parede com raquete começou a chamar a atenção da comunidade escolar, pois os estudantes demonstravam autonomia, organização, cooperação e entusiasmo em que meninos e meninas de todas as idades jogavam na hora do intervalo. Sendo, assim, conseguimos reconhecer a criação de situações de ensino fundamentada numa orientação de ação comum. Vale destacar que essa autonomia apresentada pelos alunos vai ao encontro das competências especificas da Educação Física estipuladas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): "Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde" (BRASIL, 2017, p.281).

A dimensão da unidade de ensino fez com que estudantes de outras turmas que não tiveram as mesmas aulas de Educação Física passassem a chegar na escola relatando que aprenderam a "jogar tênis"

com os amigos; à noite, depois do horário da escola, ficavam jogando na rua, e entre eles emprestavam bolinhas e raquetes, demonstrando uma maior legitimidade entre os estudantes e extensão da escola. Essas atitudes dos alunos, também parecem ir ao encontro de outra competência especifica da Educação física apresentadas na BNCC: "Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário" (BRASIL, 2017, p. 181).

É valido ressaltar que o intuito inicial da experiência não foi o de atender as competências e habilidades da BNCC. No entanto, ao final da experiência e ao longo das discussões entre os três autores deste artigo, percebemos que mais do que oportunizar o conhecimento de um conjunto de práticas corporais pouco trabalhado nas escolas. Mais do que o conhecimento sobre "como" praticar apresentado ao longo da experiência, a raquete alternativa parece ter oportunizado que os alunos e alunas se apropriassem desse conhecimento e o utilizassem em diferentes momentos e espaços, com sentidos e significados próprios. É o que se propõe uma das dimensões do conhecimento apresentadas pela BNCC:

> Protagonismo comunitário: refere-se às atitudes/ações e conhecimentos necessários para os estudantes participarem de forma confiante e autoral em decisões e ações orientadas a democratizar o acesso das pessoas às práticas corporais, tomando como referência valores favoráveis à convivência social. Contempla a reflexão sobre as possibilidades que eles e a comunidade têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar em que moram, os recursos disponíveis (públicos e privados) para tal, os agentes envolvidos nessa configuração, entre outros, bem como as iniciativas que se dirigem para ambientes além da sala de aula, orientadas a interferir no contexto em busca da materialização dos direitos sociais vinculados a esse universo (BRASIL, 2017, p. 180).

Dessa forma, pode-se considerar que tanto a escola como a universidade avaliaram a experiência como uma capacidade de intervenção na prática de conhecimentos sobre as competências e habilidades desenvolvidas no esporte de rede/parede, com a concepção de que um plano educativo não é neutro e sim afetado pelo contexto em que será desenvolvido. O planejamento da unidade de ensino pode proporcionar aos que ensinam e aprendem ter experiências de aprendizagem, pois a prática de ensino ocorreu em meio a limitações que apareciam como obstáculos reais que muitas vezes fazem parte do meio em que muitos professores trabalham. Assim, entendemos que essas questões nos permitem refletir sobre como essas experiências propiciadas entre escola e a universidade, nas aulas de Educação Física, pode oportunizar aos estudantes construírem relações mais significativas com os saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa experiência foi possível compreender que os saberes do esporte de rede/parede com raquete proporcionaram uma intervenção na cultura escolar e na comunidade. Assim, a relação entre a unidade de ensino na Universidade e na escola contribuiu para uma ação participativa e cooperativa, enaltecendo o tratamento didático do conteúdo esportivo e promovendo experiências sociais construídas a partir da participação efetiva dos estudantes nas aulas de Educação Física.

É possível destacar que o material alternativo, construído e utilizado nas aulas, foi uma ferramenta que proporcionou aos estudantes levarem o conhecimento do esporte para além dos muros da escola, envolvendo a participação da comunidade. Ou seja, para além de suprir a falta do material oficial, nos parece ser uma possibilidade rica para que os estudantes envolvam outras pessoas da comunidade e também para brincarem fora das aulas, apropriando-se desse conhecimento, reinventando e usufruindo da prática corporal aprendida. Dentro desse contexto ressaltamos que a desigualdade, injustiça e discriminação de grupos da população foram temas também levantados, pois o ensino do esporte também cumpre uma função social e exige dos professores e da escola propostas e estratégias frente a realidade educativa em que se encontram.

Nesse texto, exemplificamos, conforme as situações descritas, como foi possível desenvolver esses aspectos na aprendizagem e ensino do Esporte de rede/parede com raquete com duas turmas (uma da graduação e outra no ensino fundamental I) e em um determinado contexto. Sabemos que cada situação educativa é única, não apenas no sentido espacial e temporal, mas porque o contexto e as pessoas diferem uma a outra significativamente no plano pedagógico. O ensino do esporte pode possibilitar aos alunos e alunas agirem autonomamente, visando a criatividade e cooperação, tornando-os protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem.

A partir dessas considerações sustentamos a importância dos cursos de Graduação em Educação Física caminharem lado a lado com as práticas escolares e nos diferentes contextos onde o ensino do

esporte vem ocorrendo. Sendo assim, dentro dessa perspectiva poderemos ter uma melhor compreensão do ensino, proporcionando uma ação conjunta, para qualificar e adequar a formação em educação física às demandas sociais.

REFERÊNCIA

BRACHT, V**.** A construção do campo acadêmico- Educação Física no período de 1960 até nossos dias: Onde ficou a Educação Física? **Anais**... IV ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. Belo Horizonte, p.140-148,1996.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacinal Comum Curricular - Educação física. **Base Nacional Comum Curricular**. [S.l: s.n.], 2017.

FRANCO, M.A. do R.S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** v.97, n.247, p.534–551 dez.2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176668120160003005 34&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 30 jun. 2020.

GESAT, R.A. *et al.* Retrato das disciplinas de tênis dos cursos de graduação em Educação Física do estado do Paraná. **Cadernos de Educação Física e Esporte** v.18, n.2, p.1–7, 2020.

GINCIENE, G.; IMPOLCETTO, F.M. Primeiras aproximações para uma proposta de ensino dos jogos de rede / parede: reflexões sobre o tênis de campo e o voleibol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento** v.27, n.2, p.121–132, 2019.

GONZÁLEZ, F.J. Projeto curricular e Educação Física: o esporte como conteúdo escolar. In: REZER, R. (Org.). **O fenômeno esportivo:** ensaios crítico-reflexivos. Chapecó: Argos, 2006.

GONZÁLEZ, F.J.; DARIDO, S.C.; OLIVEIRA, A. **Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote:** badminton, peteca, tênis de campo, tênis de mesa, voleibol, atletismo – 2.ed. Maringá: Eduem, v.2, 2017.

GHIDETTI, F.F. Pedagogia do Esporte e a Educação Física: A Convergência na busca da autonomia em relação aos significados culturais do esporte. **Revista Movimento**, Porto Alegre – RS, v.26, p.1-15, jan./dez. 2000.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Textos Pedagógicos sobre o Ensino da Educação Física.** Editora Unijuí. Ijuí/RS. 2013.

PALMA, M.S.; Prefácio. In: FONSECA, D.G.; MACHADO, R.B. (Org.). A Educação Física nos anos iniciais. Porto Alegre: Sulina, 2019, p.8.

RANGEL BETTI, I.C. Esporte na escola: mas é só isso, professor? Motriz v.1, n.1, p.25–31, 1999. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/esporte-escola-mas-so-isso-professor-1>. Acesso em: 23 fev. 2021.

TERRAGNO, T.M. **O trabalho docente nas escolinhas esportivas: experiências narradas na escola.** 117f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2020.

LEME- Laborátorio de Estudos Multidisciplinares em Esportes- UFRGS
Rua Felizardo, 750
Jardim Botânico
Porto Alegre/RS
9069-0200